

RELATOS DA EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA DE RÁDIO “ECOS FILOSÓFICOS”

Ana Paula Goncalves¹
Daniel Soares Da Silva²
Maria Luiza Rodrigues Lopes³

Resumo: Este artigo trata-se de um relato da experiência por parte de um grupo de graduandos em Licenciatura em Filosofia que produziu, com auxílio de um professor de comunicação, Lucas Cangelli, dois programas de podcast no projeto “Ecos filosóficos”. O Ecos Filosóficos é um projeto criado pelos alunos de licenciatura que pretendem ampliar e melhorar a transposição dos conteúdos filosóficos para os demais meios de comunicação, partindo da vivência social e cultural para fazer chegar ao ouvinte a reflexão e o debate filosófico. Fazendo com que desta forma seja possível fazer a filosofia ecoar entre os espaços sociais, sem que para isso perca a sua própria identidade e suas características como o rigor e o método. Como resultado, a experiência permitiu ao grupo de pesquisadores compreender como fazer essa transposição da Filosofia para os demais meios de comunicação, sem perdê-la neste processo e também contribuiu à formação profissional e pessoal dos envolvidos, ajudando-os na percepção da importância da educação no país e cenário que os envolve.

Palavras-chave: Filosofia, Transposição Filosófica, Disseminação Filosófica

INTRODUÇÃO

Durante tempo considerável da graduação de filosofia, nós, futuros professores, aprendemos em grande parte do tempo a dar valor a pura erudição de um pensamento, onde a leitura filosófica extremamente rigorosa é, além do método mais utilizado para estudar filosofia nas Universidades, também nos passado como a única forma de conseguir contato com esta matéria. Em contraponto com isso, temos uma sociedade 'iletrada' em que quase 50% de sua população nem sequer tem hábito de quaisquer

¹ Graduanda em Licenciatura em Filosofia pela FAPCOM (2018-2021)

² Graduando em Licenciatura em Filosofia pela FAPCOM (2018-2021)

³ Graduanda em Licenciatura em Filosofia pela FAPCOM (2018-2021)

leituras, exceto a parcela de maiores leitores do grupo de menor idade, em que os jovens entre 11 a 13 anos, são os maiores leitores do país.⁴

Somado a este cenário, percebe-se então que para a grande maioria dos brasileiros estudar filosofia está muito longe de suas realidades, quer seja pela falta do hábito de leitura, o problema didático do ensino de filosofia e do ensino brasileiro em geral, ou ainda, quer seja porque existem outras necessidades mais urgentes como a fome ou a necessidade financeira, no qual o indivíduo não pode se dar ao luxo de perder seu tempo e trabalho para se concentrar na leitura das “Meditações Metafísicas” de René Descartes. De qualquer modo, a filosofia no Brasil parece ser um ambiente para poucos, a certo modo excludente, que faz com que quem a pense em estudar e conversar sobre essas grandes questões se sinta intimidado, acuado, seja por esse rigor em leituras para um povo que pouco lê, seja pelas 'pompas' que se criaram conforme o tempo, o fato é que a Filosofia aparentemente intimida e afasta públicos, causando desconforto e até indisposição desse povo para com a filosofia presente em seu dia-a-dia.

E é a partir deste cenário que surge o Ecos Filosóficos. O projeto tem a necessidade de fazer com que essas pessoas voltem seus olhares para a Filosofia, de modo a mostrar que ela está presente em seu cotidiano, tornando então essa proximidade visível, sem que seja preciso abrir mão de uma qualidade de leitura e expressão filosófica; o desafio que o Ecos Filosóficos assumiu é torná-la interessante em uma época de desinteressados.

Assim, quando percebemos que os veículos de disseminação da própria filosofia a restringem ao seu público habitual, causando uma espécie de círculo vicioso ou até uma segregação, o programa tem como objetivo adaptá-la a um formato que tem ganhado força na internet, que são plataformas de streaming, em especial, o Spotify, de maneira a trazer pontes de conversa entre o conteúdo filosófico e aos artifícios desses meios, como por exemplo, o uso de algumas canções para reafirmar o pensamento

⁴Segundo a pesquisa: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/09/11/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatros-anos-com-queda-puxada-por-mais-ricos.ghtml>

filosófico debatido naquele programa, utilizando também poemas, indicação de filmes e séries e até mesmo os textos propriamente filosóficos, uma vez que a conversa do podcast tenha aproximado aquele pensador ou pensadora do seu público.

Portanto, o objetivo deste artigo é demonstrar quais foram os caminhos escolhidos e adotados pelo grupo para fazer essa transposição filosófica e de que modo isso pôde contribuir para a formação e o desenvolvimento de novas práticas educacionais e da nova forma de compartilhar a filosofia. Sendo, afinal, este um relato sobre a dificuldade de futuros professores de filosofia de aproximar essa nossa paixão aos nossos alunos, parentes, amigos e vizinhos e mostrando o quão forte podemos ser a partir do momento em que começamos a ter consciência da nossa realidade e da nossa própria existência.

1. O QUE É REALMENTE IMPORTANTE ?

Na primeira reunião do grupo todos estavam animados e ansiosos para a produção desse projeto incrível que tinha tudo a ver com o nosso desejo enquanto futuros professores, afinal, íamos finalmente conseguir melhorar, mesmo que tão pouco e quase insignificadamente, o cenário do ensino da filosofia no Brasil. No entanto, como a vida sempre tem suas surpresas, em poucos minutos de reunião nos deparamos com o seguinte problema: “O que é realmente tão importante na filosofia que esses jovens e adultos não podem deixar de pensar e refletir?”

É claro que para um estudante de graduação em Filosofia todas as áreas filosóficas são fundamentais. Ora, o que seria de nós sem a Lógica Transcendental de Kant, ou ainda, a grande leitura dos Diálogos platônicos que dizem sobre a grandeza da alma, o belo e a justiça em si?

O problema é que, ao passo em que avançamos na vida universitária (acadêmica), podemos deixar de lado nossa experiência e entendimento do ensino médio, é ali que temos os primeiros contatos com as matérias, e então passamos horas dentro deste universo filosófico na faculdade e acabamos por nos esquecer do resto do

mundo e nos isolamos em um “mundo de Bob”, onde só falamos disso e com os mesmos habitantes desse mundo. Esquecendo, principalmente, que aquele nosso aluno que encaramos às 7 horas da manhã com fome, sono ou qualquer outro tipo de sensação, ainda está se entendendo como ser, como cidadão, passando por dilemas da transição da fase infantil para a adolescência e o começo da vida adulta e, por isso ele não vai tratar aquelas matérias como dilemas tão grandes, afinal, a escola é uma questão de pontuação.

Na escola, quem ganha mais pontos passa e quem ganha menos talvez fique de recuperação; o ponto principal, é que os educadores não deveriam tratar aqueles estudantes como uma tábua rasa à sua disposição para depositar finalmente os conteúdos adquiridos da longa formação acadêmica.

Fora estas questões mais simples, onde o aluno precisa ser conquistado para prestar atenção naquele assunto da aula, ou o professor que deveria estar atento às diferenças de necessidades entre ele, um acadêmico, e seu aluno que ainda não teve contato com a matéria, e ainda nasce outro dilema; um de nossos estudantes pode estar passando por problemas tão sérios em casa que não vai ser a fórmula de Bhaskara, o teorema de Pitágoras ou qualquer outra teoria que irá resolver seus problemas, ou fazê-los esquecer. Então começamos a perceber que para que esses jovens voltem sua atenção para a filosofia não só precisávamos de métodos interativos, mais tecnológicos, engraçados ou coisas do tipo. A filosofia precisava também fazer parte dos questionamentos ou das soluções e entendimentos dos problemas das vidas daqueles jovens.

Assim, surgiram os dois episódios do Ecos Filosóficos. O primeiro, “Quanto vale uma vida?”, saiu em tempos de pandemia e queríamos provocar nesse jovem a refletir o quanto vale a vida dele, de seus amigos e parentes, mostrando que seu valor pode ser alterado conforme as situações e que por isso ele precisa saber como fugir desse mercado visceral. Neste primeiro episódio, todo esse papo é permeado por muita música,

poema e principalmente por pensadores, trabalhamos as ideias e questionamentos dos pensadores Ronald Dworkin, Michel Foucault e Jean-Paul Sartre.

Por fim, o segundo episódio, “Qual a importância da educação num país desigual?”. Neste discutimos as consequências da educação num país desigual, pensamos o que é de fato essa desigualdade social que tanto surge nas reportagens e pensamos como a história e importância da educação vem sendo trabalhada neste país. Para isso, trazemos ao debate as ideias de três grandes figuras brasileiras. Uma delas é Carolina Maria de Jesus, uma escritora negra que sofreu na pele a desigualdade social e que por meio da educação conseguiu um respiro desse mundo cruel e dos projetos políticos maquiavélicos; em conjunto, trabalhamos também as ideias de Josué de Castro que fala sobre a fome e a revelação política por detrás dela e também Paulo Freire, que repensa na forma da educação e como ela deve ser transmitida aos cidadãos, e também demonstra a necessidade de conscientização.

2. A PRODUÇÃO

Uma vez tendo claro o que queríamos fazer, isto é, trazer debates filosóficos que já estão, mesmo que inconscientemente, na realidade deste jovem do ensino médio, agora era a hora da produção e novamente tivemos um novo embate, mas agora era a filosofia versus as mídias.

Nesta luta da filosofia com os novos meios de comunicação tivemos uma grande ajuda do Professor Lucas Cangelli formado em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV. Ele nos presenteou com suas aulas na faculdade nos dando a matéria “Práticas Pedagógicas: Rádio, Televisão e Internet”. Nesta matéria, nós aprendemos como um professor pode transformar o conteúdo dele e transpor para novos formatos e métodos, facilitando a aplicação da filosofia para os futuros alunos em sala de aula.

Na matéria, tínhamos, assim como no projeto Ecos, que produzir programas de rádio, mas também produzimos até vídeos. O problema todo era que esses formatos possuem uma forma específica de transpassar os conteúdos. Nós, não podemos

escrever artigos científicos para postar no instagram, assim como não podemos logo de cara gravar três horas de programa de rádio sobre filosofia. Imagina você ligando o rádio ou abrindo o Spotify e escutando um professor lendo um livro de filosofia mega denso e cheio de palavras novas e difíceis? Seria maçante tolerar algo do tipo, por isso, fugimos a todo tempo para não construirmos um conteúdo que poderia se tornar irrelevante.

E todo esse problema é causado pelo nosso costume, temos que fazer vários trabalhos enormes, textos de dez páginas explicando o que Tomás de Aquino, filósofo medieval acreditava ser a Metafísica, artigos científicos sobre o neoliberalismo em Foucault e, por isso não estamos acostumados a compactar a filosofia e criar vídeos de trinta segundos para falar sobre o conteúdo, acho que nem conseguiríamos fazer neste momento algo de fato eficaz. E é a partir daí que a filosofia vai se afastando desse público mais jovem que pede por velocidade e instantaneidade. A filosofia precisa de tempo, refletir não é algo fácil e nem prazeroso de início.

No entanto, queremos deixar claro que a filosofia em textos longos com palavras difíceis não é o problema, o problema é querer passar isso ao jovem que nem sabe se de fato vai se dedicar ao caminho filosófico, ou ainda, enfiar goela abaixo esses livros sem nenhum trato e nenhuma explicação de suporte para o jovem prosseguir e conseguir fazer a leitura. Este caminho acadêmico é fantástico, para aqueles que desejam isto, mas para alguém querer algo, primeiro deve conhecer e depois o encanto cresce pela vontade e conforme o tempo e a dedicação surge o amor pela área escolhida.

Em consequência disto, a produção ficou difícil pois precisávamos criar roteiros adequados para aquela mídia, textos de leitura são diferentes de textos que vão ser falados, isto é, locutados. E aqui entra a brincadeira de ser professor, visto que devemos saber brincar com os conteúdos e com as novas formas que ele pode vir a ter. Os formatos são importantes, afinal, eles têm a possibilidade de fazer pontes seguras entre coisas que nem sequer poderíamos imaginar em aproximar. As pontes que fizemos foram poucas, mas as eficazes.

2.1 ELEMENTOS CULTURAIS

Parte muito importante para as pontes que ousamos em pensar e em criar se asseguraram nos elementos culturais que conseguimos remeter ao que estávamos falando nos programas, as canções, filmes e poemas, as trilhas de plano de fundo (BGs), eram todos muito bem pensados e escolhidos por todos nós para soar como um conjunto e criar harmonia.

Cada elemento do trabalho era orquestrado, as músicas representavam ali, coisas que não podíamos ou não tínhamos como dizer ou explicar, elas eram um complemento ao que dizíamos, tornavam-se parte da nossa fala, num movimento antropofágico.

Sem as músicas, os poemas, as BGs, sem nada disso, o trabalho seria muito mais árduo, pois elas eram o nosso trunfo, serviam tanto para aproximar o público do que estávamos a dizer, como para dar um cenário, dar vida ao que estávamos dizendo, ao passo que serve para “suavizar” o que estamos dizendo, tirar um pouco o pé do acelerador, ser um respiro, mesmo que seja mais próximo de um suspiro de preocupação.

As indicações, lá no final eram parte desse jogo, que tinha como objetivo claro manter o debate em aberto, apresentar possibilidades aos ouvintes, um caminho pelo qual ele seguir refletindo o que dizemos e porque a arte é sempre companheira de ótimas reflexões, seja a sétima arte ou qualquer outra.

O fato é que a cultura se tornou nossa válvula de escape para mostrar a Filosofia no dia-a-dia, boa parte das vezes despercebida, e ao mesmo tempo, causar espanto, aproximar e reanimar o ouvinte e é claro, não deixá-lo cair no tédio ou no medo que os assuntos podem trazer, o tédio pelo formato de ouvir repetidamente, ou o medo do cenário assombroso que é a vida real.

Portanto todos esses foram mais do que fundamentais para os programas, nos ajudando a cumprir com o objetivo de aproximar o ouvinte da filosofia, trazendo dentro do programa músicas que ele escuta em sua rotina, poemas que se encaixam em sua vida e realidade, filmes e séries que podem alcançar seus pensamentos, fazendo com

que ele compreenda que a filosofia não é só para acadêmicos e pode ser sim discutida - ou escutada - em um programa de apenas 15 minutos e pode dar novo sentido à vida através da reflexão.

2. CRISE NA FILOSOFIA

Há muito tempo, nós que estudamos e nos dedicamos às ciências humanas, escutamos que estamos em um navio prestes a afundar. E as falácias desse naufrágio, giram em torno do boato de que as ciências humanas parecem ter perdido o caminho do progresso que todas as outras ciências conseguiram achar, e tudo isto deve-se ao fato de que as humanidades possuem um grande número de desinteressados, principalmente, pelas possíveis carreiras denominadas como inférteis de utilidade imediata e retorno financeiro ou até de reconhecimento profissional. E é claro que estas afirmações podem ser até verdadeiras, como por exemplo, em relação ao descaso da importância profissional dos cientistas de humanidades, mas são também afirmações preocupantes dado o nível da importância das análises críticas dessas ciências para com a compreensão sobre o Homem, o mundo e tudo aquilo que pertence ou que o homem fez pertencer à sua natureza.

No entanto, quando pensamos a respeito da aderência dos alunos para com essas ciências humanas, em especial a filosofia, parece que o problema é bem maior do que o simples fato do atestado de óbito das ciências humanas, pela possível falta de avanço e progresso, ou ainda, do interesse por parte do aluno para com elas. Talvez o que esteja em jogo, tanto das ciências humanas, quanto da Educação em geral, em certo nível, seja algo bem mais complicado do que apenas uma necessidade de reformulação dos métodos e técnicas de ensino, ou ainda, da incapacidade e da inutilidade dessas matérias no dia-a-dia desses jovens.

É com tristeza que nós, educadores, constatamos estar a escola em crise: ela não consegue desempenhar com eficácia a função de

informar e, muito menos, a função formadora. Inúmeras tentativas já foram feitas no intuito de superar esta crise e melhorar a qualidade do ensino. Para tanto, os objetivos foram redefinidos, conteúdos mais atualizados foram acrescentados ao currículo, enquanto o antigo acervo de técnicas didáticas foi revisto, com novas estratégias de ação sendo sucessivamente implantadas. Mas isto não resolveu o problema. (HAYDT, Regina Célia C., p.21, 2011).

Segundo Regina Célia, escritora do livro “Didática”, no qual tem sido de grande ajuda para o aprimoramento profissional, ela afirma que a crise educacional tem uma relação muito profunda com as reflexões filosóficas. Dado que a educação, a escola como instituição, surge na sociedade para que ali fosse um ambiente de transmissão de patrimônio cultural, sendo ali o lugar para transmitir os valores, costumes, leis e regras daquela sociedade; o que acaba refletindo conseqüentemente a concepção e ideal de Homem e mundo que aquela civilização está alinhada. E, ora, quem deveria ter o papel de pensar e refletir os valores e fundamentos do Homem e de sua relação com o mundo, senão a própria Filosofia? Assim, a autora continua por dizer:

Enquanto não se souber que tipo de ser humano precisa ser formado, qualquer tentativa de reformular a escola, seja definindo objetivos e programando conteúdos, seja criando novas técnicas, será em vão, pois o que está sendo questionado não é o como educar, mas o para que educar. Em outras palavras, o que está em jogo é o próprio sentido da educação. E, por estar a educação destituída de sentido, aparecem como medidas paliativas e ilusórias os famosos modismos educacionais: um dia introduz-se uma nova técnica didática; noutro dia, a moda já é um novo conteúdo, cuja introdução no currículo, alega-se, será a salvação do ensino.⁵

⁵ HAYDT, Regina Célia C. *Didática*, p.21, 2011.)

Ou seja, o problema da educação está, segundo a autora, na falta de reflexão sobre o que se pretende formar naquele ambiente. Pois, contemporaneamente, os valores, a cultura e os costumes tem se perdido à medida em que os debates de teor científico das humanidades têm sido deixados de lado, geralmente feitos em razão da bandeira levantada pela utilidade. Daí, então a educação, ou a escola, perde também de vista o seu objetivo final. Um professor não pode educar sem ter claro o porquê e para quê educar, assim como o aluno perde também o fio condutor do porquê ele precisa daquele conteúdo em seu dia-a-dia.

A escola e os conteúdos, os métodos e técnicas de ensino são os menores problemas que podemos pensar agora. O que está em jogo é a ausência de reflexão do que se pretende formar, tanto no âmbito social, isto é, o que queremos como sociedade, como a reflexão de si próprio, isto é, o que eu pretendo virar ?

Para além disso, o que fica aqui, ao nosso ver, é o papel importantíssimo da filosofia para com todo o rumo e sentido da Educação que se é perdido por conta de vários fatores, incluindo a falta de preparação dos graduandos de licenciatura em filosofia de conseguirem fazer uma transposição didática eficaz para esses alunos, ou seja, conseguir fazer uma migração dos conteúdos que aprendemos na faculdade para um aluno de ensino médio, em uma aula de 45 minutos, de modo a conectar a filosofia com a vida desse jovem. Assim como também sofremos com a falta de preparação para lidar com esse enorme problema filosófico pendente, isto é, aprender a como lidar com valores e o sentido próprio da Educação. Lidar com isso, é de uma certa forma, ter o rumo da vida dos alunos em nossas mãos, o que torna a profissão do professor uma das mais difíceis e possuintes de responsabilidades inigualáveis.

Por isso, a partir dessas problematizações é possível entender a fala de Paulo Freire, onde diz que “não pode haver uma teoria pedagógica, que implica em fins e meios

da ação educativa, que esteja isenta de um conceito de homem e de mundo. Não há, nesse sentido, uma educação neutra.”⁶

A importância da relação aluno-professor cabe então aqui, como uma das principais formas de soluções deste problema. Uma vez que o professor entende que seu papel não é apenas transmitir conteúdo, mas é também de fazer com que o aluno reflita sobre esses valores, é possível que seja dado, segundo essa relação bem estabelecida, os primeiros nortes de sentido da educação, de maneira a poder construir conhecimento e valores que guiarão a sociedade e seus cidadãos em um determinado objetivo, seja qual for ele pensado e refletido por essa parceria educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste artigo foi elucidar não apenas a experiência de um grupo de graduandos em Licenciatura em Filosofia em um projeto de práticas pedagógicas, mas também demonstrar as principais questões que norteiam a vida de um futuro professor. Juntamente com esses relatos, possuímos também uma reflexão final sobre a crise na filosofia, nas ciências humanas e até mesmo na educação em geral, de modo a tentar levantar possíveis soluções. Por fim, pretendemos deixar também nosso breve depoimento pessoal, sobre o que o “Ecos filosóficos” proporcionou para nosso aprimoramento pessoal e profissional.

DEPOIMENTOS

Ana Paula Gonçalves

⁶ FREIRE, Paulo. "O papel da educação na humanização". Revista Paz e Terra., n. 9, p. 123.)

O Ecos Filosóficos me deu novos olhares quanto à Filosofia, nunca pensei que seria possível ainda na graduação poder ter um debate filosófico em poucos minutos, trazer os ouvintes a reflexão com tão simples conteúdo, sem ser simplista, pensava que isso cabia aos mais experientes e que alguns anos depois eu poderia ser capaz de fazer um projeto do tipo. Com o passar do tempo meus colegas e professores me mostraram o quanto isso é irreal e pude aprender como o fazer filosófico está aqui e agora, não me esquecendo do rigor e da responsabilidade de não diminuir a Filosofia, mas entendendo que transpor o conteúdo é mais do que necessário para que os graduandos em Filosofia não continuem a ouvir que ela não serve para nada. Um dos objetivos do Ecos é justamente mostrar que a filosofia tem um papel fundamental e que ela pode ecoar pela vida, pelos pensamentos, dando sentido a tudo o que fazemos. Espero que a experiência do Ecos Filosóficos possa ecoar por toda a minha vida e também aos que tiveram a oportunidade de participar do programa e escutá-lo, lembrando sempre como aprendemos ainda mais que a filosofia não está resumida a livros e artigos maçantes e aos futuros alunos, que possamos transpor à vocês tudo o que aprendemos, tornando a filosofia parte de sua realidade e não só adicionando mais um conteúdo que se tornará inativo em seus cérebros.

Daniel Soares da Silva

Pensar no Ecos Filosóficos, para mim, é pensar num churrasco com amigos, cada um traz um pouquinho do que pode trazer e agregar para o coletivo, e cada coisa importa, qualquer que seja a contribuição é bem-vinda, e assim estamos ricos, porque como diria Diomedes Chinaski “Riqueza de verdade é compartilhar”, sendo assim, no Ecos Filosóficos somos muito ricos, pois compartilhamos os nossos valores e saberes com o público, tal qual compartilharemos com os nossos alunos e amigos, e também porque compartilhamos em grupo, aprendi muito com cada um dos membros e com o professor Lucas também, eis o porquê ser um churrasco com amigos, somos amigos uns dos

outros, todos da Filosofia, e pretendemos que os nossos ouvintes sejam tanto amigos nossos quanto dela. Fico muito grato e feliz com o resultado que obtivemos, e espero que lá no futuro, possamos olhar para esse passado ainda mais felizes em ver as raízes e sementes que deixamos aqui, germinando.

Maria Luiza Rodrigues Lopes

A produção do Ecos Filosóficos foi de grande importância para minha formação pessoal e profissional, principalmente, para a compreensão da complexidade da educação, que envolve estes dois lados da moeda. Difícil é a missão de conseguir tentar aproximar a filosofia deste aluno que a princípio nem se interessa por ela. E é difícil porque não sei como fazer acontecer o encanto, afinal, eu já sou completamente fascinada por ela, e talvez eu não tenha nenhum outro propósito senão trabalhar à serviço dessa grande amiga da sabedoria. Daí, segue a importância do Ecos Filosóficos para a prática docente, pois foi ali eu pude pensar e pôr em prática, mesmo que ainda numa menor proporção, como eu seria de fato eficiente para lecionar e fazer com que meus alunos se apaixonassem pela filosofia, como não distanciar deste aluno que tem outros interesses e como não me distanciar do meu propósito. Pensando na filosofia, é até interessante ver que talvez a função do professor seja a mesma do Eros (o cupido). Na Grécia antiga, o Eros é um demônio (daimon) que está dentro de nós e que nos instiga a procurar o que há de melhor, de mais belo e justo que exista e que esteja à serviço do nosso propósito de vida. A função do professor ao meu ver está ligada a função do Eros, porque eu devo instigar no aluno o aprimoramento pessoal e fazer com que ele entenda o seu caminho aqui, nesta vida, nesta sociedade e contexto que vive. Lógico que isto é uma visão romântica de quem ainda não sofreu grandes traumas do sistema educacional, mas, talvez seja mesmo o amor que nos traga a esperança e a força de fazer grandes mudanças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. "**O papel da educação na humanização**". São Paulo :Revista Paz e Terra., n. 9, 1969

G1. **Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos, com queda puxada por mais ricos.**, Disponível em:

<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/09/11/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos-com-queda-puxada-por-mais-ricos.ghtml> Acessado em : 23 de Fevereiro de 2021

HAYDT, Regina Célia C. **Didática.**, São Paulo: Editora Ática, 2011